



ERA UMA VEZ UMA DAMA



Estátua vai homenagear a donataria da Capitania do Espírito Santo

✦ **BERNADETTE LYRA**

✦ Era uma vez uma dama que se chamava Luiza.

Há indícios de que tenha nascido em 1541, em Nice, sob o domínio italiano. É provável que tenha ido para Portugal ainda bem menina. Alguns lhe dão origens paternas fidalgas. Seria filha de Pedro Álvares Correa e bisneta de Simão Correa, o conde de Conde de Liz ou de Bises. Bastante duvidosa é a sua linhagem materna, que certos genealogistas remetem a Catarina Grimaldi, de Mônaco. Mas não poucos desconfiam dos foros que atrelam a dama Luiza aos Grimaldi. E há quem lhe atribua, simplesmente, o sobrenome Grinalda ou Grinaldi.

Um dia, um dia do qual nada se sabe, nem mesmo se fazia sol ou chuva, a dama Luiza embarcou em uma cavaleira e veio para o Brasil.

Isso foi em abril, 1573. Quando as rosas se abriam ao frio e as valetas se cobriam de lama e marujos na ribeira do Tejo.

Ela estava casada com Vasco Fernandes Coutinho Filho, herdeiro da undécima capitania além-mar, batizada de Espírito Santo pelo seu donatário primeiro, Vasco Fernandes Coutinho. E foi morar com o marido na povoação que hoje é a bela e ancestral cidade de Vila Velha, às beiradas da baía de Vitória, que os colonizadores ainda pensavam ser um imenso rio.

Muitos anos depois, quando Vasco Filho morreu, deram a sua viúva um oficial de ordenança, o capitão adjunto Miguel de Azeredo, e a deixaram governar por um tempo.

Então dizem que os fidalgos, os padres, os noviços, os aventureiros, os ouvidores, os meirinhos, os juízes de vara, os escrivães, os oficiais da fazenda, os burocratas dos campos e todos os moradores das vilas, dos povoados e das terras no entorno do rio a chamavam de “a Capitoa”. Dizem que também desse modo a de-

Consta que José de Anchieta tinha grande amizade e respeito por ela”

nominava a ralé dos escravos, os colonos, os peões, os indígenas das aldeias fincadas nas praias e os selvagens emplumados que habitavam muito além das montanhas, em pleno sertão.

Sobre a Capitoa, quase nada guardaram os anais quinhentistas. As duas ou três linhas que a mencionam estão sempre metidas nos feitos dos homens como apêndices ornamentais.

E o fato de revirar papéis,

escarafunchar documentos, espantear o mofo, esfregar o polegar no indicador para eliminar o pó cor de baunilha, depositado em prateleiras e caixas de arquivos, não garante que, num passe de mágica, naus, ventos, medalhas, santinhos, procissões, relicários, escapulários, canhões, alabardas, punhais, arcabuzes, banquetes, jaculatórias, animais, curandeiros, guerreiros, bastardos, desorelhados, degredados, silvícolas, frades e não sei o que mais vão pular diante de nós, oferecendo-nos meigamente a sua face.

O passado caiu sobre ela como um pesado manto de sal.

Tão difícil é obter os antecedentes de sua chegada à capitania, quanto achar as informações sobre etapa em que a governou, de 1589 a 1593, quando foi destituída pelo rei Filipe II, de Espanha e Portugal.

Consta que derrotou o temido corsário inglês

Thomas Cavendish, usando de astúcia, emboscadas e ardis.

Consta que era uma senhora de muitas virtudes, temente a Deus e aos santos, e que doou aos franciscanos, desde o sopé até o cume, o morro com o Convento da Penha.

Consta que José de Anchieta tinha grande amizade e respeito por ela, escreveu-lhe duas cartas (que foram perdidas) e tudo fez para mantê-la à frente do governo. E também que, na beatificação do jesuíta, foi convocada a dar seu depoimento acerca dos milagres do padre.

A esse tempo, já estava destituída do cargo, longe da sua capitania e morando no Mosteiro do Paraíso, na cidade de Évora, em Portugal, com o nome de sóror Luiza das Chagas.

Mas se a vida da dama Luiza é um enigma – como de resto a vida de tantas mulheres esquecidas pela História – nada impede que se

escreva sobre ela, que se a perpetue em uma estátua brilhantemente concebida pelo escultor capixaba Hipólito Alves, e que a ela sejam prestadas homenagens, tais como as que lhe presta voluntariamente o Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha, nesse 23 de maio.

Pois que nem a falta de dados históricos, nem o oblívio, nem os esquecimentos podem impedir que seu nome atravesse a espuma do tempo e cintile sobre este solo capixaba em que viveu e que muito amou.

Bernadette Lyra

é escritora e acadêmica. Autora de “A Capitoa”, entre outros livros.

Luiza Grinalda

Inauguração da primeira estátua da donataria da Capitania do Espírito Santo. Próxima segunda-feira, (23/05), às 19h30, na Casa da Memória de Vila Velha, na Prainha.